



## Sobre as ocupações

**Marcus André Vieira**

Haveria algo a dizer das ocupações do ponto de vista do psicanalista?

Vou partir da ideia de que podemos falar de um movimento relativamente coeso que se reconhece nos mais variados matizes desde 2011 mesmo nas ocupações em curso neste momento no Brasil.

Assumirei ainda que há algo novo e vivo nas ocupações tomadas como um conjunto, o que justifica uma relativa suspensão do julgamento sobre este conjunto. Em vez de tomar posição, chamá-las de "invasões", por exemplo, quero buscar alguma leitura, interessada e necessariamente precária.

E então? Em minha frequência intensa e fragmentada dos variados suportes, intensos e fragmentados, a que pude ter acesso sobre o tema, penso que posso destacar, com alguma segurança coisas grandes e óbvias e colocar uma ou duas questões:

**1.** O corpo é elemento fundamental da ocupação, mais especificamente a convergência de corpos para um mesmo espaço. Essa reunião de corpos causa perturbações da ordem em que se insere. É preciso considerar em que essas perturbações são originais ou velhas conhecidas e, para isso, interessa comparar a ocupação com a greve.

O gesto fundamental da greve não é deslocamento e reunião, mas a parada do movimento. Uma categoria de trabalhadores cruza os braços, daí seu poder, o do prejuízo causado na suspensão da atividade. O slogan "sou 99 por cento" do *Occupy* de 2011 tem valor paradigmático por indicar que a ocupação de Wall Street foi realizada exatamente por quem se localizava fora da cadeia de produção, os que não participam da riqueza do sistema financeiro.

Ocupação não é sinônimo de paralisação, vale lembrar que as ocupações nas escolas de São Paulo, por exemplo, vieram impedir seu fechamento ou uma alteração de seu funcionamento.

Justamente por julgarem que uma ocupação é uma paralisação alguns a usam para interromper, por exemplo, vias de grande circulação. É um engano, tanto dos que assim fazem, quanto dos que com isso encontram elementos para se apoiar em velhas concepções e decidir o quanto a ocupação é fruto apenas de uma nova versão de sindicalistas autoritários ou jovens baderneiros.

**2.** Um passo a mais na especificidade do gesto da ocupação pode ser dado se nos perguntamos quem seria o Outro da ocupação. Não é o patrão que sofre com o prejuízo da paralisação das atividades de uma categoria. Aqui a ocupação de Wall Street é ainda paradigma. As finanças não são afetadas pela ocupação de algumas calçadas de sua rua emblemática. O Outro da ciranda financeira é virtual, não precisa de centro vital ou sede pois está em toda parte.

A ocupação não tem como Outro esse parceiro virtual, do mercado, ou da gestão que é outra de sua figura economicista de nossas vidas, mais que patente no exemplo de Alkmin e sua reorganização do sistema escolar, ou ainda para as fábricas de escolas de Eduardo Paes. Eram projetos que tinham em comum serem fruto de pranchetas movidas em direção à eficiência do lucro como única forma de vida a ser considerada.

Os secundaristas de São Paulo provaram que não, mas foi preciso declarar as escolas território extraído da gestão. Uma ocupação como a de Wall Street não tem por objetivo, então, dar prejuízo financeiro a esse Outro, mas materializar um pedaço de chão que lhe é arrancado, ou melhor, que é ressignificado como tendo sido dele extraído.

Os gestores são os grandes protagonistas de nossos dias. Seu poder está no plano em que se situam. Não são nem atores, nem público. A velha divisão entre teoria e prática não serve aqui. Impossível lidar com eles com os parâmetros clássicos, os que trabalham e os que vivem do trabalho alheio, explorados e exploradores.

Se a ocupação subverte a ordem da gestão é porque ela também não funciona nesse registro. Não se trata mais dos que fazem passeata e dos que assistem, essa divisão mais que clássica, se apaga.[1] Ela cria um espaço de exceção onde não há espaço para a exceção, por isso, talvez, Zizek o nomeie como um espaço de indiferença.[2]

**3.** Talvez criar este território de exceção já seja novidade o bastante, mas sabemos que muito acontece ali dentro. Para os de fora, pode ser nada. Uma vez desocupado o espaço, tudo parece voltar ao normal. Muitos dizem que não, que uma nova política está nascendo (ou pelo menos novos quadros). Difícil imaginar ou mesmo acompanhar as consequências dos movimentos de ocupação em larga escala. No plano que nos interessa mais diretamente, o psicanalista precisa se perguntar pela fala nestes espaços.

Segundo o ótimo *Escolas de Luta*, fala-se muito nas ocupações. Mais “para dentro” que para fora: assembleias para resolver o que fazer com o espaço, divisão do trabalho, propostas práticas comuns e intensas discussões sobre encaminhamentos e rumos a definir. Podemos nos perguntar em que medida o que acontece nas escolas ocupadas como experiência de fala é compatível com o inconsciente.

Na análise revive-se, como num cinema, os momentos cruciais de uma vida, mas este *revival* está a serviço de uma redução que extrai da grande epopéia de uma vida seus traços essenciais. Passa-se, por exemplo, da guerra cotidiana com o chefe à infância sob o jugo de um pai autoritário até se chegar a um traço repetido que as várias cenas desse pai vão cristalizando. O romance se torna *haikai* composto de traços fundamentais: um modo de girar as chaves, um pigarro, a faca no pão vêm dissolver a névoa de revolta em que se via emaranhado o sujeito. São falas sem corpo, ou, como diz Guimarães Rosa, um “psiu de luz”. [3][4]

Em nossos dias as falas mais valorizadas são as falas emocionadas ou emotivas, aquelas em que há corpo, há coerência entre o que se diz e o que se sente. Há ainda falas que parecem dizer algo além, maior do que o indivíduo, falas “sem corpo”, como as dos ideais que movem multidões, as das palavras de ordem, ou dos religiosos. Já o inconsciente é a surpresa de uma fala sem corpo, mas com sentido em aberto. Será que elas se apresentam e tem valor nas ocupações?

Como saber? O analista se orienta nas falas de uma análise buscando, daquelas “sem corpo”, o que se pode nelas extrair de escrita. O que se escreve no que se vive? Fixações libidinais, acontecimentos, que serão carregados de sentimento, mas que, mais que isso, terão valor de traços definindo possíveis e impossíveis de nosso gozo, decidindo um destino.

O analista busca no ontem o que está escrito no hoje, para abrir o amanhã. Talvez estejamos descobrindo hoje nas ocupações falas abertas das quais se poderá amanhã extrair a escrita do que deixaram como futuro possível. Escrevo essas notas enquanto meus filhos dormem em ocupações, só posso, então, esperar, sem esperança, que assim seja. [5][6]

## As ocupações

O que dizer das ocupações do ponto de vista do psicanalista? Vou aceitar a ideia de que podemos falar de um movimento relativamente coeso que se reconhece nos mais variados matizes desde 2011 mesmo nas ocupações em curso neste momento no Brasil.

Seja como for, assumirei que há algo novo e vivo nas ocupações tomadas como um conjunto, o que justifica uma relativa suspensão do julgamento sobre este conjunto. EM vez de tomar posição, chamá-las de “invasões”, por exemplo, quero buscar alguma leitura, interessada e necessariamente precária.

E então? Em minha frequentação intensa e fragmentada dos variados suportes, intensos e fragmentados, a que pude ter acesso sobre o tema, só posso destacar, com alguma segurança coisas grandes e óbvias:

**1.** O corpo é elemento fundamental da ocupação, mais especificamente a convergência de corpos para um mesmo espaço. Essa reunião de corpos causa perturbações da ordem em que se insere, mas precisamos considerar em que elas são originais ou velhas conhecidas e, para isso, interessa comparar a ocupação com a greve.

O gesto da greve não é o deslocamento e a reunião, mas a parada do movimento. Uma categoria de trabalhadores cruza os braços, daí seu poder, o do prejuízo causado na suspensão da atividade. O slogan "sou 99 por cento" tem valor paradigmático por indicar que a ocupação de Wall Street foi realizada exatamente por quem se localizava fora da cadeia de produção, os que não participam da riqueza do sistema financeiro.

Ocupação não é sinônimo de paralisação, vale lembrar que as ocupações nas escolas de São Paulo, por exemplo, vieram impedir seu fechamento ou uma alteração de seu funcionamento.

Justamente por julgarem que uma ocupação é uma paralisação alguns a usam para interromper uma via de grande circulação. É um engano, tanto dos que assim o fazem, quanto dos que com isso encontram elementos para se apoiar em velhas concepções e decidir o quanto a ocupação é fruto apenas de uma nova versão de sindicalistas autoritários ou jovens baderneiros.

**2.** Um passo a mais na especificidade do gesto da ocupação pode ser dado se nos perguntamos quem seria o Outro da ocupação. Não é patrão, que sofre com o prejuízo da paralisação das atividades de uma categoria. Aqui a ocupação de Wall Street é o paradigma. As finanças não são afetadas pela ocupação de algumas calçadas de sua rua emblemática, porque o Outro da ciranda financeira é virtual. Ele não precisa de centro vital ou sede pois está em toda parte.

Uma ocupação como a de Wall Street vem materializar, com seus corpos, um pedaço de chão que é arrancado dele, ou melhor, que é ressignificado como tendo sido dele extraído.

A ocupação tem como Outro o virtual, do mercado, ou da gestão que é outra de sua figura economicista de nossas vidas, mais que patente no exemplo de Alkmin e sua reorganização do sistema escolar, ou ainda para as fábricas de escolas de Eduardo Paes. Eram projetos que tinham em comum serem fruto de pranchetas movidas em direção à eficiência do lucro como única forma de vida a ser considerada. Os secundaristas de São Paulo provaram que não, mas foi preciso declarar as escolas território extraído da gestão.

Os gestores são os grandes protagonistas de nossos dias. Seu poder está no plano em que se situam. Não são nem atores, nem público. A velha divisão entre teoria e prática, artista e crítica, não serve aqui. Impossível lidar com eles com os parâmetros clássicos. Luta de classes, categorias, os que trabalham e os que vivem disso, explorados e exploradores. Ulysses Pinheiro destaca a inversão: não se trata mais dos que fazem passeata e dos que assistem, essa divisão mais que clássica, se apaga.<sup>1</sup>

Pois bem, a ocupação me parece que se desenvolve também neste plano fora da oposição entre teoria e prática. Se a ocupação subverte a ordem e a gestão é porque ela também não funciona nesse registro. Ela cria um espaço de exceção onde não há espaço de exceção. Zizek o nomeia como um espaço de indiferença.<sup>2</sup>

**3.** Talvez criar este território de exceção já seja novidade o bastante, mas sabemos que muito acontece ali dentro. Para os de fora, pode ser nada. Uma vez desocupado o espaço, tudo parece voltar ao normal. Muitos dizem que não, que uma nova política está nascendo (ou pelo menos novos quadros). Difícil imaginar ou mesmo acompanhar as consequências dos

movimentos de ocupação em larga escala. No plano que nos interessa mais diretamente, o psicanalista precisa se perguntar pela fala nestes espaços, pois não há psicanálise sem fala.

A seguir o magnífico *Escolas de Luta*, fala-se muito e mais “para dentro” que para fora, como categoria: assembleias para resolver o que fazer com o espaço, divisão do trabalho, propostas práticas comuns e intensas discussões sobre encaminhamentos a definir. Podemos nos perguntar em que medida o que acontece nas escolas ocupadas como experiência de fala compatível com o inconsciente.

Na análise revive-se, como num cinema, os momentos cruciais de uma vida, mas este *revival* está a serviço de uma redução que extrai da grande epopéia de uma vida seus traços essenciais. Passa-se, por exemplo, da guerra quotidiana com o chefe à infância sob o jugo de um pai autoritário até se chegar a um traço repetido que as várias cenas desse pai vão cristalizando. O romance se torna *hai-cai* e estes traços fundamentais são falas sem corpo: um modo de girar as chaves, um pigarro, a faca no pão vêm dissolver a névoa de revolta em que se via emaranhado o sujeito e tornam-se, como diz Guimarães Rosa, um “psiu de luz”.<sup>34</sup>

As falas mais valorizadas são as falas emocionadas ou emotivas, aquelas em que há corpo, há coerência entre o que se diz e o que se sente. Há também falas que parecem dizer algo além, maior do que o indivíduo, falas “sem corpo”, como as dos ideais que movem multidões, as das palavras de ordem. O inconsciente é a surpresa de uma fala sem corpo, mas que serão apenas balizas, com sentido em aberto. Elas existem nas ocupações?

Sei que o modo do analista se orientar nas falas de uma análise é buscar, daquelas “sem corpo”, o que se pode nelas extrair de escrita. O que escreve o que se vive? Fixações libidinais, acontecimentos, que serão carregados de sentimento, mas que, mais que isso, terão valor de traços definindo possíveis e impossíveis de nosso gozo, decidindo um destino. O analista busca no ontem o que se escreve hoje, para abrir o amanhã. Talvez estejamos assistindo hoje a falas abertas das quais se poderá amanhã extrair a escrita que deixaram como um futuro possível. Enquanto escrevia o rascunho dessa fala enquanto meus filhos dormiam em ocupações, só posso, então, esperar que assim seja.<sup>56</sup>

---

<sup>14</sup> A ocupação abandona uma das formas clássicas das manifestações políticas desde o nazismo, as passeatas e marchas. Diante de uma multidão disposta às suas margens, a passeata evoca o espetáculo da história que passa diante dos olhos de espectadores passivos (lembramos de Rousseau e sua resistência à concepção parisiense do teatro). Sua visualidade dinâmica, acompanhada de bandeiras tremulando no ar, tem a forma transitória do evento.

As ocupações, desde Occupy Wall Street, invertem essa lógica da visualidade e do progresso: estáticas, elas se furtam aos olhares dos curiosos, e só existem para seus próprios atores. Ou melhor: toda repercussão externa é apenas secundária em relação ao que ocorre dentro dos muros ocupados. Ao invés de um apelo ao mundo, o isolamento; ao invés da exibição da marcha triunfante da história, a indiferença (e Zizek já notou como a mais difícil e, ao mesmo tempo, a mais eficaz ação política, hoje, é se manter indiferente).

<sup>2</sup> (...o fora de série, um valor infinito, parece ter abandonado um mundo em que tudo, inclusive as canções e os afetos, estão, todos, na prateleira, objetos de consumo como outros, *gadgets*, ganhando o brilho do ideal num segundo apenas para ter o destino do descartável no outro?)

Se algum fenômeno contemporâneo nos ensina sobre como criar um espaço de exceção mesmo em um mundo onde nada mais se excetua à circulação infinita do capital são os espaços ditos “ocupados”, os dos movimentos *Occupy*, que desde 2011 se espalham pelo mundo. Não tenho, nem gostaria de ter autoridade para falar deles “de fora”, meus dois filhos dormem em ocupações no momento em que escrevo este texto. Mas quero propor a ocupação como um modo de constituir um espaço fora da série em um mundo em que isso é extremamente difícil já que tudo é digerido pelo capital. Este espaço não se constitui por sua relação com palavras de ordem ou valores no infinito do ideal, por isso interessa. Eles estão presentes, claro, mas seu fundamento é o deslocamento dos corpos, a ocupação de um espaço e não um movimento em direção a alguma coisa a ser conquistada. Este movimento pode vir antes, durante ou depois o gesto de ocupação, mas não se confunde com ele.)

<sup>3</sup> A interpretação lacaniana se dirige ao ciframento, fora do sentido, do gozo. A reverberação dos sintomas contemporâneos também. Ela o faz, porém, no clima da música eletrônica, por exemplo - sem sentido, mas sempre a mesma e para todos ao mesmo tempo agora. A ela, assim espero, podem se contrapor os tantos “psius” que fazemos

---

correr as ruas e que propagam na cidade o rumor, em cada dito, de uma vibrante impossibilidade (Vieira, M. A. Um suplemento de significação, A ordem simbólico não é mais o que era, Rio de Janeiro, EBP, 2012).

<sup>4</sup> Fechei-me no quarto. Pela janela aberta entrava um cheiro de mato misantropo. Debrucei-me. Noite sem lua, concha sem pérola. [Só vento] e silhuetas de árvores. E um vaga-lume lanterneiro, que riscou um psi de luz. Guimarães R. J. *Tutaméia: terceiras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (1967)2001, p. 211. esvazia histórias de seu peso encontra-se, volta e meia, com ditos estranhos, que nos habitam mas não compõem com nosso eu. Em vez de tomá-los como falas de outros mundos, espirituais ou animais, o analista os toma como fragmentos de memória especialmente intensos porque não tem ninguém, não tem corpo..

O analisante refaz o caminho de como tudo e todos o levaram a ser o que é. Apesar disso acontece, às vezes, em uma análise o quase milagre de uma fala que nem se queixa, nem se contrapõe a nada, que tem como interlocutor um Outro inconsistente, em aberto, nem vilão, nem herói. Acontece, em uma análise, que alguém tome a palavra para acertar as contas com seu destino.<sup>4</sup>

A felicidade como satisfação maior não está no programa do analista, mas sim no sentido de Lacan, como feliz acaso [*bon-heur*], como a possibilidade de estar aberto ao encontros com estes acontecimentos que se tecem entre presente e passado,

<sup>5</sup> Laurent, E. *O avesso da biopolítica*, Rio de Janeiro, JZE, 2016, p. 211. Assumindo estas duas hipóteses de leitura das ocupações, quero retomar a relação que estabelece Eric Laurent, nelas, entre o uso dos corpos e o acontecimento do inconsciente.

Laurent propõe que “a identificação, mecanismo político por excelência, pode ser relida a partir da inscrição sobre o corpo e do acontecimento de corpo”.

Parte da definição por Lacan do corpo como aquilo que é apto a portar uma marca, por um lado, e como espaço de gozo, sem topos prévio, sem forma, como a vida nua de Agambem.

Neste campo, corporal, ocorre o cruzamento entre o gozo do vivente, e as marcas do Outro. Um tanto de vida, delimitada por um certo número de trilhamentos e suas fixações libidinais, ganha contornos e assume uma forma. É o que propicia ao gozo que habita nosso caos orgânico de base ordenar-se, tornar-se *Um* corpo, ele “se incorpora” nos termos de Lacan de “Radiophonía”. Nesse entrelaçamento entre os traços do vivido, o gozo do vivente e as formas de viver reside o corpo que conhecemos com que vamos dormir e tomamos café da manhã. É o corpo do afeto.

O gozo e o traço podem se encontrar, sem que isso se estabilize como uma forma. Fora do sentido, fora do sentimento. Não será o acontecimento de um afeto, que é sempre o acontecimento de *um* corpo particular, mas um “acontecimento de corpo” singular. Deste modo Lacan caracteriza o acontecimento de um gozo corporal, mas sem corpo, para opor este acontecimento aos acontecimentos vividos em *um* corpo. São esses acontecimentos de corpo que interessam à psicanálise na vida da cidade. Em alguns aspectos, talvez, se assemelhem ao modo como as ocupações se instalam no espaço público, temporárias, sem consistência, atravancando o comércio, próximas de descambar. No entanto, exatamente por não se combinarem com os afetos da política comum, podem eventualmente deixar acontecer em seu micro-campo de experimentação, no espaço de um lapso, o encontro da vida nua com aquele detalhe que seja acontecimento.

<sup>6</sup> (cf. Attié, J. *Le dit et l'Écrit*, Paris, Michèle, 2015) Um sonho, por exemplo, pode ser pensado como um emaranhado, um novo de linguagem que cinge um real. Trazido para a sessão, a fala associativa se expande a partir dele e o embebe no oral. A seguir, vem a interpretação que, freudiana, nada mais é do que decantar, a partir dessa operação, um fragmento de escrita, chamado por Freud *conteúdo latente*. Ele não estava lá, é uma reconstituição, uma extração, de algo que de certa forma estava lá, pois é o traçado da estrutura que na fala analisante impera.